CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA O ATENDIMENTO À CRIANÇA COM DISLEXIA

SUELI SILVE PEREIRA

RESUMO

O objetivo deste artigo é conhecer o processo histórico da dislexia bem como as formas de diagnosticá-la, verificando a importância da família e da escola no processo de integração do disléxico por comparação a outras localidades e outros tempos. A concepção de dislexia desta pesquisa ressoa a definição dada pelos autores, que estudam este distúrbio de aprendizagem tendo como principais: Fonseca (1999); Rodrigues (1999); Barbosa (2004). O tema a ser pesquisado, constitui-se na importância de verificação e observação dos alunos com dificuldade de aprendizagem, identificando e diagnosticando quando estas podem estar relacionadas a dislexia. Constata-se que, apesar de não serem considerados obrigatórios, tais distúrbios associados tendem a ser tomados como a causa dos problemas manifestados na leitura e na escrita. O enfoque deste trabalho de pesquisa está centrado na ocorrência dos distúrbios de aprendizagem associados à dislexia, algumas confusões são comuns em crianças principalmente em alfabetização quando começam, de forma mais sistemática, a interessar-se pela escrita e a tentar reproduzir a forma das letras, portanto nem toda dificuldade deve ser entendida como quadro de dislexia. Conclui-se, portanto, que A dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem relacionado à leitura e à escrita que deve ser diagnosticado por uma equipe multidisciplinar. O disléxico precisa de acompanhamento no seu processo de aprendizagem.

Palavras chave: Dificuldade de aprendizagem – indisciplina – família – escola.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema teve como embasamento as problemáticas atuais vivenciadas na educação nas séries iniciais as quais são associadas à dislexia, objetivando maior conhecimento da problemática abordada.

O enfoque deste trabalho de pesquisa está centrado na ocorrência dos distúrbios de aprendizagem associados à dislexia.

A escolha do tema teve como embasamento as problemáticas atuais referente a indisciplina vivenciadas na educação no ensino fundamental as quais são associadas à dificuldade de aprendizagem por parte de muitos educandos. Objetivando maior conhecimento da problemática abordada para nos pesquisadores e para futuros leitores desta obra. Utilizou-se como principais os seguintes autores: Fonseca (1999). Rodrigues (1999), Barbosa (2004).

Observa-se que em nossas escolas existem um grande número de crianças e jovens que são rotuladas como crianças especiais e muito pouco se faz para detectar o foco desta peculiaridade que o torna especial a parceria escola, família e profissionais da saúde podem juntos detectar casos de dislexia e tratá-lo de forma a recuperar a criança no contexto social.

Os conteúdos abordados nesta pesquisa visam alertar para a importância de que a escola detecte o problema e busque ajuda nos demais seguimento, visto que bem orientado o disléxico poderá no futuro ser bem-sucedido como qualquer outra criança dita normal.

Conclui-se que as dificuldades de aprendizagem que englobam a dislexia do desenvolvimento não é algo novo, porém crescente. Esta é uma desordem na aprendizagem da leitura e/ou escrita com competência, que acomete indivíduos com inteligência dentro dos padrões de normalidade, sem deficiências sensoriais, isentas de comprometimento emocional significativo e com oportunidades educacionais adequadas. Percebe-se, portanto, que a família e os educadores têm um papel importantíssimo na superação destas dificuldades transformando crianças disléxicas em adultos bem-sucedidos.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS ASSOCIADAS AO TRANSTORNO DA DISLEXIA

A história do reconhecimento da dislexia existe a mais de 130 anos e que os primeiros profissionais que ajudaram nesse reconhecimento foram os médicos oftalmologistas americanos que observaram que a dificuldade não estaria nos olhos, mas no funcionamento de áreas de linguagem no cérebro, entendendo assim, que não são os olhos que leem, mas o cérebro (ELLIS,1995).

[...] em 1983 foi fundada aqui no Brasil a Associação Brasileira de Dislexia, que tem como objetivo divulgar e tornar conhecida essa dificuldade de aprendizagem que muitas vezes é tratada como doença. Conseguir obter um diagnóstico de dislexia é um processo muito complexo, pois envolve muitos sintomas que são confundidos e diagnosticados de forma incorreta. A Associação trabalha de maneira preventiva, com estudos aprofundados, envolvendo vários profissionais que também se interessam pela descoberta e tratamento (FRANK, 2003 p. 09).

Conseguir entender e resolver os problemas de um cérebro disléxico tem sido o anseio de muitos pesquisadores e cientistas do mundo inteiro, pois a história é antiga com descobertas recentes e diárias. Portanto a História do reconhecimento da dislexia é um assunto inacabado (FRANK, 2003).

Percebe-se que através da aquisição da linguagem falada que o indivíduo adquire formas mais complexa de se relacionar com o mundo que o cerca. O aprendizado da linguagem e escrita representam um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa (BIAGGIO, 1988).

Algumas pesquisas demonstram que este processo ativa uma fase de desenvolvimento dos processos psicointelectuais inteiramente nova e muita complexa, e que o aparecimento destes processos origina uma mudança radical das características gerais, psicointelectuais da criança (VYGOTSKY, 1988, pág.116).

O aprendizado de modo geral e o aprendizado escolar em particular, não só possibilitam como orientam e estimulam processos de desenvolvimento que se inicia a partir do nascimento da criança. Como membros de um grupo, ela vivência um conjunto de experiência sobre conceitos, valores, ideias, objetos concretos e concepção de mundo. Desde muito pequena, através da interação com o meio físico e social, o indivíduo realiza uma série de aprendizados (VYGOTSKY (1988).

Para explicar o papel da escola no processo de desenvolvimento do indivíduo, faz-se uma importante diferenciação entre os conhecimentos construídos na experiência pessoal, concreta e cotidiana das crianças e aqueles elaborados na sala de aula adquiridos por meio de ensino sistemático que chamou conceitos científicos (VYGOTSKY, 1988).

Observa-se que se o meio ambiente não desafiar e estimular o intelecto do indivíduo, esse processo poderá se atrasar ou mesmo não chegar à conquista estágios mais elevados de raciocínio. O pensamento conceitual é uma conquista que depende não somente do esforço individual, mas principalmente do conjunto em que o indivíduo se insere que define seu ponto de chegada. Afirma que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento que se dirigem as funções psicológicas que estão em vias de se completarem. A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe, ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos na linguagem (VYGOSTKY, 1988).

Para que o professor possa desempenhar com competência sua função é preciso que, além de melhores condições de trabalho, ele também seja escutado. Os professores têm ideias, hipóteses, princípios explicativos e conhecimentos baseados na sua experiência de vida e na sua trajetória como aluno e profissional que, quando revelados, podem oferecer importantes pistas e subsídios na busca de novos modos de ação junto a eles para assim desenvolverem atividades para conhecer melhor as limitações e dificuldades de aprendizagem. (VYGOSTKY, 1988).

A palavra dislexia é derivada do grego "dis" (dificuldade) e "lexia" (linguagem), sendo definida como uma falta de habilidade na linguagem que se reflete na leitura, contudo, ela não é causada por uma baixa de inteligência. A dislexia não é uma doença, é uma disfunção cerebral para o processamento da linguagem. Dislexia: É um dos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico (JOSÉ, COELHO 2004 p.12).

A criança disléxica se torna inibida diante dos colegas, pois não consegue decodificar os símbolos, geralmente a criança com dislexia precisa de passar pela ajuda de alguns profissionais para se obter um diagnóstico real do grau de dificuldade que a mesma possui. As crianças que são diagnosticadas e trabalhadas, elas podem aprender e sobre sair diante dos problemas de aprendizagem que surgem. A dislexia é refletida em uma vagarosa e errática decodificação e reconhecimento de palavras. A leitura lenta, trabalhosa e individual da palavra impede a habilidade da criança de compreender o que leu, mesmo que sua compreensão da língua falada seja adequada. Há muita dificuldade em transformar a soletração em som (JOSÉ, COELHO 2004).

Deficiência no processo fonológico, que são fortes indicadores de futuras dificuldades na leitura e escrita, pode ser identificada e 1ºsérie (são as chamadas crianças de risco, que tiveram uma história de atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade em reconhecer rimas canções etc. Decodificação e estratégias de memórias pobres resultam em vocabulário pobre. Os mesmos sintomas vão permanecer na adolescência e na fase adulta (JOSÉ, COELHO 2004 p.15.)

A dislexia foi diagnosticada pela primeira vez em 1896, pelo neurologista inglês Pringle Morgan, que a chamou de cegueira verbal congênita e definiu-a como um transtorno de aprendizagem na leitura e na escrita (ZORZI, 1998).

A origem da dislexia, fundamenta-se no eixo corporal, na base psicomotora, e se desenvolve anteriormente à escrita. É de conhecimento de que a criança para aprender a ler necessita da consciência de seu eixo corporal, seu lado direito e esquerdo etc., e a criança disléxica não possui essa capacidade, o que a faz confundir eternamente direita e esquerda (BARBOSA (2004).

A dislexia é considerada um distúrbio específico da linguagem, que tem como característica principal a dificuldade de um aluno em decodificar ou compreender palavras. Para a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2011), o transtorno é uma insuficiência do processo fonoaudiológico e está incluída geralmente entre as dificuldades de leitura e aquisição da capacidade de escrever e soletrar, ou seja, podemos entendê-la como uma alteração de leitura. (ABD apud BARBOSA (2004).

Existem três tipos de dificuldades que definem a Dislexia: falha no estabelecimento da relação som, símbolo gráfico. No caso há uma provável disfunção da discriminação auditiva; falha na discriminação visual que acarretará as inversões, rotações e confusões das letras com grafia semelhante e associação das duas anteriores (RODRIGUES, 1999).

A Dislexia denominada de evolução tende a ser lentamente superada com o desenvolvimento da criança, pois encontra se relacionada à imaturidade neurológica, no qual a criança apresenta dificuldades de leitura, característico de início de aprendizagem. Diante desse quadro transitório existe um comprometimento na escrita, no qual é caracterizada por inversões de letras, inserção, omissões, alteração na ordem das letras, denominada de disortografia (FONSECA, 1999).

Geralmente as crianças Disléxicas apresentam a leitura lenta, fragmentada, com troca de fonemas, atrapalhando dessa forma a compreensão e interpretação de textos. Além disso, distorções que aparecem em suas escritas reforçam o diagnóstico. Comumente a criança é considerada disléxica quando todas essas dificuldades que apresentadas já deveriam ter sido superadas para a sua idade. (REIS, 2001).

Os disléxicos podem apresentar um isolamento social ou perturbações sócio emocionais. Os problemas de comportamento dos disléxicos podem estar associados ao distúrbio que os mesmos apresentam devido sua vida ser um tanto quanto complicada, na escola ou em casa, pois ele vive sobre pressão constante (FONSECA, 1999).

Existem diferentes formas de dislexia, os principais são três: a acústica que surge com a insuficiência para a diferenciação acústica dos fonemas e na análise bem como na síntese destes, proporcionando alterações de fonemas. Ao qual neste caso o aluno confunde os fonemas através de sua semelhança articulatória. O segundo tipo, visual, manifesta-se quando ocorre coordenação viso-espacial imprecisa e aparece quando o aluno confunde as letras de maior semelhança gráfica, o que faz com que na maioria das vezes os alunos sejam encaminhados a oftalmologistas. E por último, o tipo motriz, que aparece na dificuldade da criança em seu movimento ocular, ocorrendo uma limitação bastante caracterizada do campo visual que gera atrasos e falhas ao ler (RODRIGUES, 1999).

Uma das formas de dislexia é a disgrafia, que tem como característica principal, problemas com a linguagem escrita, o que para o aluno torna difícil a comunicação de ideias e conhecimentos (REIS, 2001).

A discalculia é uma forma de dislexia que está principalmente relacionada às crianças, é um tipo de transtorno evolutivo e não lesional. De acordo com Garcia (1998), não é um transtorno causado por problemas como deficiência mental, déficits visuais ou auditivos, nem por má escolarização. É, contudo, uma forma de dislexia tem como característica a dificuldade que a criança possui em qualquer uma das atividades aritméticas básicas, tais como quantificação e numeração ou o cálculo. Também, é causada através de uma disfunção nas áreas temporo-parietais e, é um transtorno que ocorre através de uma falha na rede por onde passam os impulsos nervosos. (REIS, 2001).

Relatam que quando uma criança não consegue escrever, apresentando uma dificuldade na sua aprendizagem de escrita, é preciso levar em consideração vários níveis de funcionamento como: coordenação visual motora, memória visual, leitura, soletração, sintaxe e capacidade de formular ideias. (HOUT, 2001, p. 229).

Inúmeras pesquisas apontam que o maior índice de fracasso escolar ocorre com crianças pobres. Em tais pesquisas, as explicações apontadas para o problema do fracasso escolar dizem respeito à condição econômica da família. "É sobretudo à família, às suas características culturais ou situação econômica, que predominantemente se atribui, em última instância, a responsabilidade pela presença ou ausência das précondições de aprendizagem na criança (HABIB, 2000).

Não é lícito estabelecer uma regra geral e inflexível atribuindo a todos os casos de problemas de aprendizagem um mesmo diagnóstico ou um enfoque generalizador. Nem sempre existem provas clínicas de que as causas para problemas de aprendizagem possam ser identificadas objetivamente. Muitas vezes as tentativas de se estabelecer diagnósticos para avaliar esses problemas

servem para encobrir incompetências pedagógicas (MORAES, 1997 p. 90).

Muitas vezes o diagnóstico pouco criterioso de hiperatividade, fobia escolar, etc, serve como atenuante para alguma comodidade ou incapacidade da escola para lidar com processos e métodos de aprendizagem. Não é segredo que muitas escolas estão longe de cumprir sua tarefa de educar, envolvidas que estão por ditames políticos demagógicos, ou técnicos utilitaristas. Percebe-se, com certa facilidade, que algo está muito errado e que, nem sempre, o erro é exatamente das crianças (MORAES, 1997).

Por isso, cada caso deve ser avaliado particularmente, incluindo na avaliação o entorno familiar e escolar. Se os problemas de aprendizagem estão presentes no ambiente escolar e ausentes nos outros lugares, o problema deve estar no ambiente de aprendizado e não em algum "distúrbio neurológico" misterioso e não-detectável. Às vezes, a própria escola, com todas as suas fontes de tensão e ansiedade, pode estar agravando ou causando as dificuldades na aprendizagem.

Muitas vezes os problemas de aprendizagem são reações compreensíveis de crianças neurologicamente normais, porém, obrigadas a adequar-se às condições adversas da sala de aula. Podemos ver na clínica diária, muitas crianças sensíveis e emocionalmente retraídas quem passam a apresentar problemas de aprendizagem depois de submetidas à alguma situação constrangedora não percebida pelos demais. Trata-se de uma situação corriqueira agindo sobre uma criança afetivamente diferenciada, que nem sempre a escola, incluindo a professora, orientadora, coordenadora e demais colegas de classe, percebem (REIS, 2001).

Normalmente as crianças que apresentam dificuldades específicas no início da escolarização, embora não tenham nenhum problema neuropsiquiátrico, provavelmente são aquelas que precisarão de maior atenção. São crianças que terão de desenvolver suas habilidades de apreensão daquilo que é ensinado. Portanto, cada uma delas precisa ser investigada e compreendida particularmente em suas dificuldades (HOUT, 2001).

À família cabe, para além de percepcionar que certamente algo não está bem, segundo alguns dos índices atrás referidos, ser o suporte afetivo da criança disléxica. É muito importante fomentar a autoestima, providenciar apoio especializado e estar em interação com a escola (LUCAYNSKI 2002).

[...] uma criança disléxica não o é por ter um coeficiente de inteligência inferior para a sua idade, pelo contrário, pode até tê-lo superior, contudo, a sua aprendizagem pode ser afetada por este fato, e posteriormente promover outro tipo de situações em termos psicológicos: depressão, agressividade e outros. É necessário ter expectativas corretas e providenciar o melhor apoio (LUCAYNSKI 2002 p. 32).

Durante a pesquisa estudei um texto de um aluno disléxico onde evidenciava que a família já sabia o que se passava com ele. A angústia deste menino devia ser muito grande. Ele queria muito, esforçava-se muito. Então porque é que não conseguia? A família de uma criança disléxica tem que ser muito paciente, estas crianças têm dificuldade em ser organizadas, em lembrarem-se das suas coisas, inclusive de pedidos ou ordens que lhes tenham sido dadas. Confundem horas e dias da semana (DROUET, 2000).

É necessário ser claro e verificar se o que lhes foi dito foi entendido. Não devem compará-la nunca com outras crianças da mesma idade, a criança reforça o seu conceito de incapacidade. Não é, contudo, aconselhável superproteger a criança pois isso tira-lhe também a iniciativa própria e a capacidade de ser autônoma (LUCAYNSKI 2002).

Como é evidente não existem receitas únicas e o bom senso é sempre um ingrediente fundamental. Acaba por ser desconcertante a lógica vigente, pois sabe-se que todos são diferentes, mas a diferença só se aceita na normalidade que também não se sabe muito bem o que é (HOUT, 2001).

Assim sendo é muito penoso para qualquer indivíduo que seja diferente criar o seu espaço e construir a sua realidade, que terá sempre que se adequar à realidade da dita normalidade. Têm por isso os professores um papel muito importante, pois estes, em conjunto com pedagogos, deverão diversificar mecanismos de entrada da informação. Deverão construir, utilizar suportes que permitam amenizar as dificuldades apresentadas pela criança disléxica (LUCAYNSKI 2002).

A dislexia tem múltiplas faces e não se manifesta, ou melhor, não é um transtorno idêntico em todos os indivíduos. Observa-se a dislexia visual, auditiva, mista, juntamente com a família, e um pouco dentro do que se ouve nas aulas, deve-se melhorar todos os fatores quer neurológicos, quer pessoais, que possam melhorar as funções de linguagem e consequentemente as funções de cognição, que por sua vez permitem o processo linguístico (REIS, 2001).

Uma vez mais, correndo o risco de repetir, que o bom senso é um ingrediente fundamental para relação e para o trabalho que se desenvolve, que aliado a um profundo conhecimento das áreas, neste caso dislexia, e a uma forte vontade, motivação e criatividade, fazem a diferença (LUCAYNSKI

2002).

É sempre muito difícil avaliar e agir de modo correto em função dos objetivos a que nos propõem e se de fato o nada fazer e o deixa andar são atitudes verdadeiramente irresponsáveis, ou seja, perceber a anomalia e não tomar as devidas providências e encaminhamento do aluno para os profissionais competentes para confirmar ou negar o diagnóstico prévio.

Muitos alunos são reprovados no sistema escolar e outros evadem por apresentarem dificuldades de aprendizagem. A linguagem é fundamental para o sucesso escolar, pois está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna no processo ensino-aprendizagem.

Dentre várias dificuldades de aprendizagem associadas ao insucesso da vida estudantil, a dislexia se destaca por estar relacionada à leitura e à escrita, que são fundamentais no processo de aprendizagem. A dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem que merece estudos para que haja uma efetiva ação psicopedagógica com o objetivo de diminuir seus sintomas. A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que envolve áreas básicas da linguagem, podendo tornar árduo esse processo, porém, com acompanhamento adequado, a criança pode redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender (GONÇALVES, 2006).

COMO AJUDAR A SUPERAR AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A família e a escola têm um papel fundamental no processo de reeducação, pois são estes os meios privilegiados para reeducar o indivíduo disléxico, fornecer-lhe instrumentos diversos e alternativos na aquisição da linguagem, que tantos problemas acadêmicos e afetivos podem trazer ao indivíduo (LUCAYNSKI 2002).

À família cabe, para além de percepcionar que certamente algo não está bem, segundo alguns dos índices atrás referidos, ser o suporte afetivo da criança disléxica. É muito importante fomentar a autoestima, providenciar apoio especializado e estar em interação com a escola. Como já se referiu, uma criança disléxica não o é por ter um coeficiente de inteligência inferior para a sua idade, pelo contrário, pode até tê-lo superior, contudo, a sua aprendizagem pode ser afetada por este fato, e posteriormente promover outro tipo de situações em termos psicológicos: depressão, agressividade e outros. É necessário ter expectativas corretas e providenciar o melhor apoio (LUCAYNSKI 2002).

Há a necessidade de uma reflexão sociológica sobre os saberes escolares: uma reflexão sociológica sobre os saberes escolares deveria contribuir para dissolver uma certa percepção natural das coisas, de forma a promover um reconhecimento real dos conteúdos e dos modos de programação didática desses saberes. O campo escolar, para o autor, é composto de imperativos funcionais específicos, como conflitos e interesses que concernem ao controle do currículo e, também, na configuração do campo social, suas postulações ideológicas e culturais. Destaca a constituição da escola como trunfo social, político e simbólico. (FORQUIM. 1992, p.21)

É necessário ser claro e verificar se o que lhes foi dito foi entendido. Não devem compará-la nunca com outras crianças da mesma idade, a criança reforça o seu conceito de incapacidade. Não é, contudo, aconselhável superproteger a criança pois isso tira-lhe também a iniciativa própria e a capacidade de ser autônoma. Assim sendo é muito penoso para qualquer indivíduo que seja diferente criar o seu espaço e construir a sua realidade, que terá sempre que se adequar à realidade da dita normalidade. Têm por isso os professores um papel muito importante, pois estes, em conjunto com pedagogos, deverão diversificar mecanismos de entrada da informação. Deverão construir, utilizar suportes que permitam amenizar as dificuldades apresentadas pela criança disléxica (FARRELL, 2008 p. 72).

Sabe-se que a dislexia tem múltiplas faces e não se manifesta, ou melhor, não é um transtorno idêntico em todos os indivíduos. Observa-se a dislexia visual, auditiva, mista, juntamente com a família, e um pouco dentro do que se ouve nas aulas, deve-se melhorar todos os fatores quer neurológicos, quer pessoais, que possam melhorar as funções de linguagem e consequentemente as funções de cognição, que por sua vez permitem o processo linguístico. Uma vez mais, correndo o risco de repetir, que o bom senso é um ingrediente fundamental para relação e para o trabalho que se desenvolve, que aliado a um profundo conhecimento das áreas, neste caso dislexia, e a uma forte vontade, motivação e criatividade, fazem a diferença (LUCAYNSKI 2002).

É sempre muito difícil avaliar e agir de modo correto em função dos objetivos a que nos propõem e se de fato o nada fazer e o deixa andar são atitudes verdadeiramente irresponsáveis, ou seja, perceber a anomalia e não tomar as devidas providências e encaminhamento do aluno para os profissionais competentes para confirmar ou negar o diagnóstico prévio.).

Reforçando a ideia do ensinar com desejo de alcançar o resultado do aprender, Piaget deixa claro que:

Cada vez que ensinamos prematuramente a uma criança alguma coisa que poderia ter descoberto por si mesma, esta criança foi impedida de inventar e consequentemente, de entender completamente (Piaget 1988 p.41).

De acordo com as abordagens de Reis (2001), por isso o trabalho a realizar é sempre preenchido de muitas incógnitas, mas acima de tudo de muito gosto e amor pela arte de ensinar a aprender (REIS 2001).

Uma das funções da escola e da família é fazer o aluno sentir que sempre está disposto a ajudá-lo. Reforçando a ideia de disponibilidade para qualquer dúvida; estabelecendo sempre de forma clara os critérios e objetivos dos trabalhos; verificando se o aluno compreendeu, se não existem dúvidas; trabalhando progressivamente a capacidade de atenção e concentração; premiar e elogiando o aluno por cada conquista feita; evitar a correção constante dos erros de escrita; ter em consideração que são alunos que necessitam de mais tempo, para se organizarem e realizarem as tarefas, possibilite-se esse tempo; reforçar a sua autoestima, não permitir que ninguém brinque com as suas dificuldades; elogiá-lo pelo êxito; não criar situações que o obrigue a tarefas que evidenciem as suas dificuldades e que reforcem a sua sensação de fracasso (FONSECA, 1995).

Agindo desta forma o aluno disléxico não se sentirá coagido e as possibilidades de aprendizagem serão maiores e mais consistentes, principalmente no que se refere à autoestima, pois este é um fator determinante até mesmo na vida de alunos normais e principalmente nos alunos que apresentam um quadro disléxico (REIS 2001).

CONCLUSÃO

Conclui-se que as dificuldades de aprendizagem que englobam a dislexia do desenvolvimento é uma desordem na aprendizagem da leitura e/ou escrita com competência, que acomete indivíduos com inteligência dentro dos padrões de normalidade, sem deficiências sensoriais, isentas de comprometimento emocional significativo e com oportunidades educacionais adequadas.

Percebe-se, portanto, que a família e os educadores tem um papel importantíssimo na superação destas dificuldades transformando crianças disléxicas em adultos bem sucedidos.

Por muito tempo e, de modo bastante insistente, temos sido levados a ver, nos erros e enganos que as crianças fazem ao escrever, indícios de distúrbios e patologias. Os espelhamentos de letras são um exemplo típico desta maneira, até mesmo parcial e distorcida, de compreender o que é a aprendizagem.

Observa-se que como adultos, fortemente contaminados com noções rígidas de "certo" e "errado": se a criança está agindo ou pensando da mesma forma que nós, então ela sabe, ela está certa, está aprendendo. Caso contrário, se ela assimila, ou entende uma situação de uma maneira distinta da nossa, que não está de acordo com nossas concepções e crenças, então ela está errada.

Não está aprendendo. E, se não está aprendendo, então deve ter dificuldades, problemas, e assim por diante.

Percebe-se que é através da linguagem que o homem se torna sociável, tendo capacidade para se inserir no mercado de trabalho e também em sua vida pessoal daí a importância de diagnosticar e trabalhar as crianças disléxicas para que nas suas vidas adultas possam ter uma vida normal sem que estejam predestinadas ao fracasso.

Entende-se também que outro fator de fundamental relevância é no que se refere ao papel da família e da escola, tanto no processo diagnóstico quanto no processo de desenvolvimento das crianças disléxicas, pois estes dois seguimentos são os mais próximos e, portanto, os que poderão dar mais resultados durante o tratamento. O auxílio de profissionais como: pediatras, psicólogos são importantes, porém, o peso maior deve se concentrar na família e na escola, visto que este acompanhamento é diário.

Espera-se que esta pesquisa ajude muitos familiares e profissionais que trabalham com crianças disléxicas e que estes entendam que a dislexia não é uma doença apenas uma forma diferente de assimilar e aprender conceitos linguísticos e que estas crianças não são menos inteligentes apenas são diferentes.

REFERÊNCIAS

BAUER, J. James. Dislexia: Ultrapassando as Barreiras do Preconceito. Trad. NICO, Maria Ângela Nogueira. Casa do Psicólogo, Livraria e editora Ltda. São Paulo, 1997.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Dificuldades com a aprendizagem: um olhar clínico. Curitiba,2004. Disponível em: www.psicopedagogia.pro.br. Acesso em 01 de setembro de 2015.

BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de Psicologia Escola. 5 ed.; Ed. Ática, 1998, Série educação.

BIAGGIO, A. M.B. Psicologia do Desenvolvimento. 18ª ed. Petrópolis 2005, editora Vozes, 1988.

BEE, H. A criança em desenvolvimento. 7ªed. Porto Alegre: Artmd, 2000.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. Distúrbios da aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. Distúrbio da aprendizagem. 4. ed.; Ed. Ática. São Paulo. 2001.

ELLIS, Andrew W. Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva. 2. ed. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas,1995.

FARRELL, M. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas. Porto Alegre:

Artmed, 2008.

FERNANDEZ, Alicia. O saber em jogo. Porto Alegre: Artemed,2001.

FORQUIM, J. Saberes escolares, imperativos e dinâmicas sociais. Revista Teoria e Educação, n.5, 1992.

FRANK, Robert. A vida Secreta da Criança com dislexia. São Paulo: M.Books do Brasil Ltda, 2003.

FONSECA, Vitor. Insucesso escolar: Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem. Lisboa: Âncora, 1999.

GONÇALVES. Áurea Maria Stavale. A criança disléxica e a clínica psicopedagógica.

2006.

HABIB, Michel. Bases neurológicas dos comportamentos. Lisboa: Climepsi, 2000.

HOUT, Anne Van, SESTIENNE, Françoise. Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento. 2ª ed. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

JOSÉ, E. A. & COELHO, M. T. Problemas de aprendizagem. 12ªed. São Paulo: Ática, 2004.

LAGGER, Kelly Cristina Fagundes. Dislexia e terapia comportamental cognitiva: uma Proposta de tratamento. Acesso em 01 de setembro de 2015.

LANHEZ, Maria Eugênia, NICO, Maria Ângela. Nem Sempre é o Que Parece. Como Enfrentar a Dislexia e os Fracassos Escolares. 2 ed.; Ed. Alegro. São Paulo. 2002.

LUCAYNSKI, Zeneida Bittencourt. Dislexia: você sabe o que é?. Curitiba: da autora, 2002.

MACHADO, Ângelo. Neuroanatomia funcional. Atheneu, 2ª ed, SP: 1998.

MORAIS, José. – A Arte de Ler: psicologia cognitiva da leitura. Lisboa: Cosmos, 1997.

OLIVEIRA, Rui de. Neurolinguística e o Aprendizado da Linguagem.1 ed.; Catanduva, SP: Ed. Respel, 2000.

OLIVEIRA, Silvia Suely Sillos. A importância do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem. Novembro/2006.

PIAGET, J.; KATZ, D.; INHELDER, B. & BUSEMANN, A Psicologia das idades do nascimento à morte. 8. ed., Lisboa: Manole, 1988.

PAIN, S. Diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem Porto Alegre: Artes Médicas, 1986

RODRIGUES, Norberto. Neurolinguística dos distúrbios da fala. São Paulo: Cortez, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.